



## OS EGERTS: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE UM GRUPO DE IMIGRANTES DO PÓS- GUERRA A PARTIR DE FOTOGRAFIAS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3748

Rodrigo dos Santos, UEM

### Resumo

Com a proximidade do fim da Segunda Guerra Mundial emergiu um grupo específico de imigrantes, os inicialmente denominados deslocados ou refugiados de guerra. Esses sujeitos estavam em campos de acolhimento na Alemanha, Áustria e norte da Itália, pois foram deslocados por ações nazistas, e não tinham meios de regressar. Diante dessa dificuldade, as organizações internacionais optaram pelo reassentamento de refugiados em vários países. Entre eles: Argentina, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Brasil. Em 1949, um desses grupos imigrou para a localidade Rio das Pedras, no Município de Guarapuava, no Estado do Paraná. Vieram Ignacy, Janina e seus quatro filhos: Josef, Henryq, Kazimierz e Boguslaw. Dois desses filhos nasceram na Polônia e dois nasceram na Alemanha. Além disso, o casal teve mais dois filhos no Brasil: Danuta e Eugênio. Janina durante sua vida preservou impressos e fotografias. Em 1990, após sua morte um de seus filhos continuou essa guarda. Sobre a fotografia preservada pretende-se fazer alguns apontamentos iniciais de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Neste texto dialoga-se com pesquisadores de se preocuparam com o pós-guerra como Judt (2008) e Shephard (2012) e com pesquisadores preocupados com as imagens no campo histórico como Pesavento (2008) e Mauad (1996). Nos resultados, percebe-se a importância da produção imagética na escrita da história, especificamente sobre os Egert, pois se visualiza a imigração da trajetória desta família.

### Palavras Chave:

Família; Imigração;  
Memória; Segunda  
Guerra Mundial;  
Trajetória.

## Introdução

O Objetivo deste texto é apresentar a relação entre um grupo de imigrantes que veio ao Brasil, especificamente a Guarapuava no Estado do Paraná em 1949; e as fotografias sobre eles. Entretanto, antes de adentrar a esses aspectos é necessário compreender o contexto em que esses sujeitos imigraram e porquê da sua opção pelo Brasil.

Os pesquisadores Judt (2008) e Shephard (2012) apresentam esse processo. Tanto o primeiro como o segundo apontam que o legado da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi às pessoas deslocadas, aquelas que quando o conflito terminou por motivos diversos não estavam interessados em voltar para seus países de origem. Conforme Shepard (2012) os grupos eram formados por judeus, poloneses, ucranianos, letões, lituanos, estonianos e iugoslavos.

O deslocamento de poloneses e de outros países invadidos pelos alemães nazistas começou antes do término da Segunda Guerra. Quando essa guerra iniciou, com a escassez de trabalhadores, a Polônia como um dos primeiros países invadidos convocou a pedido dos alemães aproximadamente trezentos mil prisioneiros de guerra para trabalhar na agricultura. Além disso, foram elaborados planos de fornecimento de mão de obra salariada de um milhão de trabalhadores poloneses. Em 1940 chegaram à Alemanha dez trens por dia com uma média de mil trabalhadores em cada trem, para realizar as atividades de plantio. Na Alemanha essa população era separada dos cidadãos ditos nacionais, utilizando uma etiqueta com a letra P e com salários inferiores. O contato, especialmente sexual, entre poloneses e estrangeiros era punido com a morte (SHEPHARD, 2012).

Outros grupos também foram

inicialmente convidados a irem à Alemanha como ucranianos, mas com as propagandas negativas chegando a seus países de que os alojamentos eram de má qualidade e a necessidade de utilizar insígnia,<sup>1</sup> os voluntariados desistiam do embarque. Diante disso, o governo Ucraniano foi forçado a mandar mão de obra com a ameaça de morte. Como isso não ocorreu, os soldados alemães recrutavam pessoas nas ruas. Esses sujeitos não foram obrigados apenas a trabalhar nas fábricas ou fazendas, com a desculpa dada por Hitler que as moças ucranianas tinham cabelo louro e aparência ariana, essas jovens também foram aceitas como domésticas nos lares alemães. Os franceses, belgas e holandeses foram recrutados entre novembro de 1942 e dezembro de 1943. Em julho de 1943 a obrigação foi estendida a 600 mil italianos. No lado ocidental os governos eram obrigados pelos nazistas a enviar trabalhadores, no oriental ocorria o sequestro de seus moradores (SHEPHARD, 2012).

Apesar disso, segundo Shephard (2012), após 1942 o problema foi a alimentação dessa população recrutada. O governo alemão não mandou mais alimentos para os exércitos em campo, sem esses alimentos os soldados foram obrigados a sobreviver com o que conseguiam arrecadar em campo; os territórios invadidos como França, Ucrânia e Polônia deveriam enviar cereais para a Alemanha; alguns grupos de judeus, ucranianos e poloneses não seriam mais alimentados. Especialmente os poloneses teriam sua comida cortada em março de 1943, sendo 1,2 milhão sem comida imediatamente, outros 300 mil denominados de trabalhadores receberiam uma parcela de alimentação e os demais judeus poloneses que não trabalhassem deveriam morrer até o final do ano. Conforme Judt (2008) ou a população submetida ao nazismo foi obrigada a servi-

<sup>1</sup> Os Ucranianos eram forçados a utilizar a insígnia *ost* e ficavam em acampamentos cercados

por arame pelo receio de propagandas comunistas (SHEPHARD, 2012, p. 29).

lo ou foi exterminada.

Além da Alemanha Nazista, a União Soviética de Stalin também promoveu deslocamentos. Segundo Judt (2008) a Polônia sobre invasão soviética teve a deportação de mais de um milhão de pessoas para o leste. Juntos Stalin e Hitler promoveram o deslocamento de aproximadamente 30 milhões de pessoas.

Com a ofensiva dos aliados, a partir dos bombardeios, esses recrutamentos na Alemanha Nazista foram extintos, e a população de não nacionais tentava fugir para partes mais seguras da Alemanha. Em julho de 1944, 500 mil fugiram; entretanto aproximadamente 7.487.000 ainda eram mão de obra quase ou na forma de escravos. Os trabalhadores escravos, especialmente dos campos de concentração, foram deslocados para o subsolo em fábricas de armamentos. E no final da Segunda Guerra algumas pessoas chegaram à Alemanha fugindo dos russos (SHEPHARD, 2012, JUDT, 2008).

Em 1942 já existia um grupo de organismos internacionais<sup>2</sup> pensando o que fazer com essa população que não teria como regressar no pós-guerra. Para evitar o caos que ocorreu com os remanescentes da Primeira Grande Guerra. Havia duas soluções: o reassentamento e a repatriação. O retorno para seus países de origem, que poderiam não aceitá-los ou a encontrada de novos moradores em países como Estados Unidos, Canadá, Austrália ou Brasil. A solução provisória foi à criação de campos de refugiados (acolhimento) na Alemanha, Áustria e norte da Itália (SHEPHARD, 2012). É neste contexto que um grupo de imigrantes poloneses, os Egerts, vem ao

Brasil.

## Objetivos

Esse texto possui elementos do projeto de tese: “A imigração e trajetória dos Egerts em Guarapuava, Paraná (1949-1990)” em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Neste texto, especificamente, se apresenta esses imigrantes, discutindo alguns elementos de análise de fotografias, umas das fontes utilizadas para desenvolver o projeto.

## Resultados

Em 1949 no vapor (navio) panamenho *Protea* pelo porto de Nápoles imigraram para o Brasil, especialmente ao Município de Guarapuava - PR, localidade Rio das Pedras, a família Egert. Vieram Ignacy Egert com 39 anos; sua esposa Janina com 34 anos; e seus filhos: Jozef com 13 anos; Henryque com 11 anos; Kazimierz com 4 anos e Boguslaw com 1 ano. Os dois primeiros nasceram na Polônia e os dois últimos na Alemanha. Os imigrantes foram direcionados à localidade de Rio das Pedras aos cuidados de Leoncio Sadowski. Essas informações foram retiradas do arquivo Family Search<sup>3</sup>. No Brasil ainda nasceram Danuta e Eugênio<sup>4</sup>.

Esses sujeitos podem ter pensado no retorno à Polônia, mas alguns fatores podem ter colaborado com a escolha pelo Brasil. Um dos fatores é a ascensão de um governo comunista na Polônia ou ainda, segundo Judt (2008), pela reorganização geográfica da Polônia

<sup>2</sup> Em 1943 foi fundada a ANUAR (Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento) que ficou responsável pelo sistema de acampamentos, com a repatriação ou reassentamento. Depois com essa responsabilidade teve-se a OIR (Organização Internacional de Refugiados) e o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os

Refugiados), entre outras instituições (JUDT, 2008).

<sup>3</sup> O pesquisador Leal (2017) apresenta algumas possibilidades de pesquisa com o arquivo Family Search.

<sup>4</sup> Sobre os Egerts esse pesquisador publicou de forma didática em Santos (2015).

que perdeu aproximadamente 178 mil quilômetros para a União Soviética na divisa oeste e ganhou 103 mil quilômetros de terras tomadas do território alemão no Leste.

Outro fator pode estar relacionado à Polônia devastada, com a invasão da Alemanha Nazista e posteriormente pela União Soviética. Sobre o aspecto da Polônia no pós-Segunda Guerra Bauman (2004) apresenta o cenário da destruição. Segundo o mesmo, a Polônia estava destruída pela ocupação nazista, especialmente com a questão da miséria, desemprego, conflitos étnicos e religiosos. Além disso, o autor destaca que os desafios desse país era maiores que o dos demais da Europa, pelo fato de precisar reconstruir casas e fábricas; e semear campos abandonados.

Judt (2008) também apresenta que o pós-guerra mostrava paisagens arrasadas, campos áridos, cidades destruídas, crianças órfãs, deportados e prisioneiros de campos de concentração, bondes com trilhos danificados, além da população que estava surrada, desprovidas de recursos e exaurida. Ou ainda, pelo terror ocasionado pela Segunda Guerra, pois a Polónia perdeu um em cada cinco habitantes, considerando a população que vivia antes da guerra.

Durante sua vida Janina Egert<sup>5</sup> preservou a trajetória da família guardando fotografias, cartas e documentos em um baú. Sobre trajetória Certeau (p. 98) destaca que “Ela [a trajetória] deveria evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos, e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico”. Com isso, percebe-se que Janina construiu fatos a partir dessa produção material, considerando sempre uma sucessão de

fatos que não ocorreram simultaneamente, sempre sofrendo a ação do tempo.

Além disso, “A **trajetória de vida** pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existentes ao longo de uma vida” (BORN, 2001, p. 243)<sup>6</sup>. Portanto, o conceito trajetória abrange um conjunto de fatos da vida e uma pessoa ou grupo, determinada pelos seus acontecimentos e localizações.

Após a morte de Janina, seu filho Kazimierz continuou este processo como aponta Bacellar (2014, p. 42) “A documentação de caráter privado pode dizer respeito a acervos de pessoas, de famílias, grupos de interesses [...] ou de impressas; ou ainda: “A documentação referente ao processo imigratório é bastante ampla e relativamente pouca explorada (BACELLAR, 2014, p. 30)”. É nesse sentido que o arquivo dos Egerts é relevante, pois guarda uma quantidade de documentos impressos e imagéticos. As fotografias são do período que estiveram em um campo de refugiado em Lübeck e da trajetória da família no Brasil. Algumas dessas imagens são apresentadas na sequência, dialogando com aspectos de Pesavento (2008) e Mauad (1996).

A fotografia como aponta Mauad (1996) não é uma representação do passado, tal como aconteceu, mas uma construção, uma escolha, entre tantas possíveis, a partir da visão de mundo do fotógrafo. O ato de fotografar envolve tanto o profissional (fotógrafo) quanto o seu suporte, tecnologia e recepção da imagem. É uma produção datada que dialoga com a sociedade que a produziu (MAUAD, 1996).

A partir das fotografias, visualiza-se a trajetória da família Egert. A

<sup>5</sup> Janina Egert faleceu em 8 de janeiro de 1990 no Município de Guarapuava e está enterrada no Cemitério Municipal.

<sup>6</sup> Grifo do original.

fotografia (Imagem 1) apresenta como cenário uma parede externa de construção, o campo de acolhimento de Lübeck em 1945. A parede não possui reboco e possui marcas de tiros.

Imagem1: A família Egert e seus compadres no campo de acolhimento de Lübeck na Alemanha



Fonte: Acervo Kazimierz Egert

Como afirma Pesavento (2008) as imagens são intenções humanas, produzidas com o objeto de se comunicar. Algumas inferências podem ser propostas pela fotografia, tais como: quem são os sujeitos? Quando foi retirada? Por quem? Além do casal, Janina e Ignacy, e seus dois filhos mais velhos há, na fotografia, seus compadres Marie e Viktor Sadowski e a filha do casal Irone Sadowski<sup>7</sup>, todos vieram no vapor *Protea* em 1949 como apresenta a lista do vapor. Os amigos de Janina e Ignacy tinham parentesco com o gerente da serraria do distrito do Rio das Pedras, em Guarapuava-PR. A imigração desses moradores foi por carta de chamada, o gerente da serraria mandou um pedido ao Conselho de Imigração e Colonização para que fossem direcionados esses imigrantes à localidade. Com isso, os imigrantes criam uma rede de parentesco para que a travessia e a estadia na nossa localidade seja mais agradável. Essa foto foi tirada em Lübeck na Alemanha, por algum agente da OIR

<sup>7</sup> Segundo a lista de passageiros do Vapor *Protea* e o Arquivo Family Search: Viktor possuía 44 anos, Marie 49 anos e Irone 13 anos. A filha do Casal tem a mesma idade que o filho mais velho

(Organização Internacional de Refugiados), tendo em vista a não popularização deste mecanismo com as classes menos abastadas. O fato pode ser comprovado por alguns fotografias no verso possuem o carimbo do município de Lübeck como a imagem 2.

Imagem2: Carimbo de Lübeck, Alemanha



Fonte: Arquivo Kazimierz Egert

Algumas imagens também são carimbadas com a sigla IRO, que é a versão em inglês da Organização Internacional de Refugiados (*International Refugee Organization*) como está presente na imagem 3 de Ignacy Egert, possivelmente uma carteira de identificação.

Imagem 3: Ignacy Egert



Fonte: Arquivo kazimierz Egert

(Josef) do casal Janina e Ignacy Egert. Todos (as), inclusive os Egerts, foram encaminhados para o posto de inspeção da hospedaria da Ilha das Flores até o deslocamento à Guarapuava.

Além disso, é relevante frisar que conforme Pesavento (2008, p. 113) as imagens trazem silêncios e lacunas, “[...] a imagem pode ser: para o historiador da cultura, prova, traço, vestígio e rastro de algo que foi, do que se desejou que fosse, do que se pensava que era, do que se temia que acontecesse”. Para onde esses sujeitos estavam indo depois dessa imagem? O que motivou essa fotografia? Quem sabe o objetivo era guardar um discurso sobre os campos de acolhimento.

Outro aspecto levantado por Pesavento (2008) é o fato das imagens guardarem além da totalidade, as minúcias, o micro. Sobre as minúcias percebe-se na imagem 1 uma criança (Irone) incomodada com a foto, olhando para baixo; outra olhando para o lado, com algo mais chamativo sendo realizado ao lado da imagem (Henryque) e a última olhando para o fotógrafo (Jozef). Outras sutilezas da imagem são as roupas de frio: casacos, blusas, botas, possivelmente as pessoas fotografadas estavam no inverno. As paredes também apontam um novo reboco em algumas partes, disfarçando marcas pontiagudas que poderiam ser tiros de armas.

A relação de compadrio também é comprovada por outra fotografia (Imagem 2).

Na foto do casamento de Danuta Egert, o casal Marie e Viktor Sadowski encontram-se com os recém-casados e com Janina e Ignacy Egert, todos com idade avançada. No verso da fotografia a escrita em polonês, realizada por Janina também demonstra esse fato: “Cunka (apelido de Danuta) seu esposo, sua mãe e seu pai e seus padrinhos”. Os imigrantes também foram padrinhos de Danuta.

Outras inferências poderiam ser realizadas a partir destas e de outras imagens. Entretanto esse não é nosso objetivo neste texto, pretende-se apenas apontar de forma breve esses sujeitos. Janina deixou um acervo com mais de duzentas fotografias, porém muitas delas não se conseguirá muitas inferências pelo

fato de apenas um de seus filhos já com idade avançada poder nos revelar algumas informações. As informações apenas serão obtidas pelo cruzamento de dados. O filho que guardava o seu baú já é falecido.

Imagem 4: Casamento de Danuta Egert



Fonte: Arquivo kazimierz Egert

## Considerações

É relevante frisar que os acervos particulares são de extrema importância, pois revelam parte da trajetória de vida de alguns sujeitos, especialmente de imigrantes como é o caso do arquivo cuidado por Janina Egert e seu filho. Esses imigrantes de forma intencional preservaram a memória de suas vidas.

Como já foi mencionado neste arquivo encontram-se uma gama de documentos, inclusive de fotografias. Sobre quatro fotografias específicas sobre esses sujeitos que esse trabalho se propõe a comentar de forma breve. Destacou-se uma imagem de um campo de acolhimento que esses imigrantes ficaram após a Segunda Guerra Mundial e o casamento de uma de suas filhas brasileiras.

Além disso, é relevante frisar que essa família de origem polonesa, pelos movimentos ocasionados pela Segunda Guerra Mundial tiveram seus filhos em territórios nacionais diferenciados, dois na Polônia (origem do casal), dois na Alemanha (local de conflito e onde possivelmente foram obrigados a ir) e dois no Brasil (local que escolheram habitar e findar suas vidas). O arquivo desta família é rico e originará várias pesquisas, pois pelo olhar do historiador será possível apontar vários caminhos que irão além de sua trajetória.

## Referências

- BAUMAN, Zigmunt. (2004b). Entrevista com Zigmunt Bauman. Entrevista concedida a Maria Lúcia Pallares-Burke. **Tempo Social**, v. 16, n. 1, p. 301–325. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702004000100015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015)>. Acesso em 9 set. 2017.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (orgs). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 23-79.
- BORN, Claudia. Gênero, trajetória devida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 240-265, jan/jul 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n5/n5a11>> . Acesso em 10 set. 2017.
- CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998. vol 1.
- JUDT, Tony. **Pós Guerra: uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LEAL, Bruno. Fichas consulares de estrangeiros no site FamilySearch. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (org). **Possibilidade de pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 31-53.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p. 26-46, 1996.
- PESAVENTO, Sandra. O mundo da imagem: território da história cultural. In: \_\_\_\_\_; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em historia cultural**. Porto Alegre: Asterisco, p. 99-122, 2008.
- SANTOS, Rodrigo dos. Refugiados da 2ª Guerra Imigração para o Brasil. **Leituras da História**, ano VI, n. 84, p. 32-38, 2015.
- SHEPHARD, Ben. **A longa estrada para casa: restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.